



*Manuscrito de Metternich*  
*Reichlin*

380

# A BORBOLETA

MIMO AO BELLO SEXO.

ANNO I	PERIODICO EXCLUSIVAMENTE LITTERARIO. Theresina. 7 de Outubro de 1866.	N.º 3.
--------	--	--------

## A BORBOLETA

### A mulher e a flor

Quem diz mulher, diz perfume,  
Quem diz perfume, diz flor.  
(Do autor.)

Houve um dia uma grande festa no magnifico palacio de Deus.

Gastarão os artifices celestes seis dias em decorar os infinitos salões do universo. Uma immensa cortina azul claro, cravejada de myriades de brilhantes enormes, servia de reposteiro á sala principal do palacio.

Erão as salas illuminadas por um magestoso fôco de luz, suspenso nos espaços pelos artificios de um celebre constructor de lampadas electricas. Uma innumeravel orquestra, composta dos mais habéis musicos d'aquelle tempo, fazia ouvir os seus maviosos acordes, em quanto nas ares treavão os fogueiros e rebentavão os morteiros, espalhando pelas páramas infladas todas as cores do prisma. Mas Deus, em honra de quem se fizera essa deslumbrante festa, estava atacado dos nervos: parecia um velho *Quaker* n'um momento de *spleen*. Dir-se-hia que um pensamento grandioso e sublimo se agitava nas dobras do seu cerebro divino porque elle não prestava attenção á coisa alguma. De

repente ergueu-se, chamou o seu primeiro ministro, (esqueci-me dizer que Deus era o rei absoluto d'aquelles domínios) e disse-lhe:

«Tive uma idéa que me alegrou bastante; idéalisei formar um ser que sempre me traga a mente o dia de hoje e por isso quero que elle tenha uma particula de tudo que nos cerca. Portanto, vai, traze-me daquelle candieiro do espaço um pouco de sua luz; da orchestra os seus mais bellos sons; traze-me tambem um flôco d'aquella nave branca, que estou vendo d'aqui; uma amphora com perfumes; algumas perolas e fios d'ouro. Assim fez o ministro. Então Deus colleccionou todas estas cousas em um vaso de chrystal, tornou-as uma massa por um processo chimico por elle inventado e formou uma estatua. Depois imprimiu-lhe na bocca um beijo muito longo e a estatua animou-se como por encanto, suas formas adquirirão movimento e ella sorriu e olhou. Estava feita a mulher. Porém a mulher estava triste. Deus comprehendeu essa tristeza e disse-lhe: «Falta-te uma companheira, não é assim? Pois bem, façamo-la.» E fez com que a mulher dormisse; tomou de cada parte de seu corpo um pedacinho e formou a flor. Deu ás petala-

## A BORBOLETA

las a maciez da pelle da mulher e a côr dos seus labios; ao calice o perfume de sua bocca e o mel de suas lagrimas.

Depois acordou a mulher e disse-lhe, mostrando a flôr: « Eis tua irmã! » E assim foi.

Milhares de annos, centenas de seculos tem se passado desde esse dia da grande festa no palacio de Deus.

Milhares de cidades, centenas de nações tem apparecido e desaparecido na noite eterna dos tempos.

Os mundos tem se revolucionado, os mares tem abandonado seus leitos, os astros tem-se despedaçado no espaço, mas, quer a mulher seja inglesa ou italiana, franceza ou russa, rainha ou plebéa jámais a flôr a deixará como ella jámais se esquecerá da flor!

*Black Knight.*

### Innocente.

Ontem, tudo felicidade n'aquelle jar de flores.—ninho de dois passarinhos que se amavam; hoje, tudo tristeza e luto.

Aqui, um cadáver ainda quente e de cujos olhos cerrados desprende-se uma lagrima, a ultima que brotara d'aquelles olhos que tiveram sempre um olhar de ternura para a esposa amada, e que ia rolar até aquelles labios que sempre frizaram um sorriso para o filhinho; alli de cabellos desgrenhados a esposa que acabava de entrar na noite escura da viuvez, e que chorava, chorava tanto que fazia admirar como aquelles olhos, outr'ora fonte de luz purissima, n'um instante

se transformassem em manancial de lagrimas, symbolo da tristeza; mais adiante uma creancinha loira, de cinco annos de idade, se entretinha a brincar com um gatinho que queria subir para uma cadeira. Innocente, nem se quer suspeitava que d'ora em diante lhe esperava o pão negro e duro da orphandade, e mais tarde a miseria, a miseria completa!

Subito, a creancinha pára, olha para o leito do finado, encára a mãe inconsolavel e, admirado de vel-a nos outros dias tão alegre e agora tão triste, perguntou-lhe:

—Mamã, porque choras tanto? O papai não está dormindo?...

—Não, meu filho, elle... morreu!...

E um beijo encharcado de lagrimas soltou na testa d'aquelle anjinho e os seus braços apertaram-no fortemente contra o peito, procurando livral-o, debaixo dos cabellos desgrenhados, do braço destruidor que acabava de desfechar-lho tão tremendo golpe.

Neste momento batem na porta. Corre a creancinha para ver quem é, encontra-se com um amigo do finado. Reconhece-o, porque todas as tardes elle vinha conversar com seu pai, e ás vezes dava-lhe moedinhas.

Eis que, movido por uma idéa infantil, pega-lhe na mão, condul-o ao pé da pobre mãe e diz-lhe apontando para ella:

—Case com a mamã! O papai morreu... e ella está tão triste!...

*Giovanni.*

**No baile.**

O teu vestido acompanhei demente  
Na febre ardente—soluçando a rir!

.....  
(Pedro Luiz.)

Walsavas, linda açucena do jardim  
da belleza!

Nesse delirio de ephémera e doce  
alegria, eu te contemplei no zenith  
dos encantos santos de uma deidade a  
mais pura e bella.

Nesse correr veloz, tu deixaste as  
nottas sublimes da harmonia de teu  
andar garboso, como o engraçado co-  
libri que, vôando ligeiro, deixa após  
si lindas e delicadas pennas.

Depois cançaste e cahiste languida-  
mente sobre uma cadeira, entreabrin-  
do a linda bocca onde se viam bri-  
lhar uns dentes alvos, alvos sem  
rival!

Arfava-te o peito, como a ingenua  
rolinha que, fatigada por um vôo  
prolongado, poisa no galho à beira  
do regato crystallino, soltando tre-  
mulos e saudosos arrulhos.

Mih'aima merencoria, como a  
planta dos ermos paes, se extasiava  
ante tua belleza, pedindo-te uma  
centelha d'esses dous focos de luz  
afim de equilibrar-se na escada verti-  
ginosa da vida!

E maia tarde?! A palavra—adeus  
—sôou nos ambitos do salão e foi-se  
nas azas da briza. Sahiste!

O meu pensamento dõdejou sem  
encontrar o phanal que o illuminava  
e, qual a mariposa que se precipita  
sobre a luz, e—sem arrimo—se des-  
penhõa na voragem tenebrosa da  
amargura, em cujos fundamentos o

satanico cortejo do desespero extre-  
mecia como o *Maclstrom*.

Foi um momento de horror!  
Eclipsaram-se os horisontes pela au-  
sencia do sol da candura.

Mas, em fim, despertei da lethar-  
gia e contemplei os traços luminosos  
que descobri na atmosphera da bel-  
lesa, deixado por aquelle passarinho  
de lindas plumas!

Assim ficou a tua imagem em meu  
pensamento, essa imagem que sorri  
no esplendido templo da formosura,  
deique és a deusa mais proeminente  
e bella, cujo poder magnetico está  
n'esses dous globos de luz que tens!

Theresina—1888.

Warton.

=====  
**Fragmento.**

.....  
.....

Dixam que dopo l'ldio  
Non amerai que me  
Diximi angioletto mio!

(A. Fusinato.—pensin).

... E eu guardo ainda na memoria  
aquella phrase que ella pronunciou-  
me no momento da partida; phrase de  
duas palavras; mas n'essas duas pala-  
vras encerra-se a historia do meu fu-  
turo e a do seu:

—« Vai, espero-te! »

Oh! phrase immensa para mim,  
que comprehendendo a força de tua ex-  
pressão, tu tiveste o valor de um ju-  
ramento que fosse sellado com san-  
gue, tu és o unico oasis no deserto  
de minha vida, tu és a pbrase mais  
sublime do meu Evangelho de amor!

## A BORBOLETA

Ah! minha amada, áquella phrase  
quer dizer: Resignação e Esperança!

E eu as terci, juro-te pelo amor  
que te consagro! . . .

— «Vai, espero-te!»

Sim, vai conquistar um nome, vai  
alcançar uma posição na sociedade, vai  
procurar um meio de vida para nós  
ambos, porque eu sou tua, porque eu  
espero-te.

E lá me vou eu por esse mundo  
fora á cata de um futuro, que, mira-  
gem no deserto de minha existência,  
vae-se me fugindo lento e lento e no  
meu caminho, semeado de amargu-  
ras e de pezaes, só encontro illusão!

Exhausto, cansado, morto, quero  
parar, retroceder, mas ouço, não  
como Ashaverus, o judeo maldito, a  
phrase: Caminha, caminha, e sim a  
voz doce de minha amada que  
me diz: Vae, espero-te!

Theresina, Outubro 88.

*Atasius Mill.*

### IMPOSSIVEL! . . .

A . . .

Era de tarde! E ella me fitava  
turbada, oh! fatalismo! pensativa,  
Tinha na fronte o ar de quem chorava,  
Possibiles o frescor da sensitiva.

Nem mais plaquella bocca pura d'arço  
e dentro pellas assim tão coradas  
Eu via o doce rir d'algum archaço  
que tivesse as mesmas graças puzillias.

Conservava-se triste na janella,  
Onde eu a vi outrora mais que bella,  
Sem rir e sem falar e tão sensivel,

Quando perguntava á alma d'um pensamento  
A causa d'esse estranho sofrimento  
Respondendo, dizia: E, um possível!

*Julio Fanny.*

### EMMIGRAÇÃO.

A . . .

Aquella mão de formas divinas  
Branca com alabastro alviantente,  
Queimou a minha carta, friamente  
E lançou-a aos leucos vendavaes.

Mas, um verso de termos singulares  
Foi, sim, «paizar-lhe, caprichosamente!»  
No seio, que é tão branco e tão tremelante  
Como a espuma deixada pelos mares.

E ella, coitadinha, tem guardado  
No pequenino seio palpitante  
Como uma reliquia do passado.—

Aquello bello verso namorado,  
Espelho luminoso e fascinante,  
D'um coração, que vive apaixonado,  
Theresina, 1 de Outubro de 1888.

*Julio Fanny.*

### BORBOLETA.

I

Vae gentil borboleta . . .  
Na face da flor-riquetta  
Vae de leve esvoagar,  
Bijaste a fronte a Santinha  
E nos labios da Nana  
Vae androz m' sugar.

II

Na linda face morena  
De qualquer gentil pequena  
Vae alegre desatigar,  
Cumprimenta Simplicinha  
E a noite da Santinha  
Vae o seio perturbar.

III

Oh! já bem vesto e puzido,  
A toz o crivo, o puzido  
Por to la parte verás:  
De muita virgem formosa  
A linda face unida  
De mansinho beijadas.

IV

Seco de as aras douradas  
No rugir d'essas ladeiras  
D'antares da creação . . .  
Aproxima-te sem medo  
A todos diz em segredo  
Que é livre meu coração!

Theresina, Setembro de 88.

*Julio Fanny.*

Theresina, Impr. na typ. da Imprensa.